



Almanaque Santista

um boletim de curiosidades do
Instituto Histórico e Geográfico de Santos

OUTUBRO 2009 - ANO 1 - NÚMERO 2

Tradição

Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos é criada há 130 anos

Entidade guarda preciosidades da literatura e conviveu com figuras históricas como Martins Fontes. Também abrigou concorridos bailes, festejados pela nata da sociedade.



Voando baixo

Famoso aviador da Marinha completa reide aéreo nas águas do estuário santista

Salve-se quem puder!

Peste bubônica é confirmada em Santos



Fim de uma história

Hotel Internacional do José Menino tem sua demolição iniciada



Manchetes no Brasil e pelo Mundo....

- *Portugueses fundam Manaus no meio da selva amazônica*
- *Quebra da Bolsa de NY causa colapso na economia mundial*
- *Mao Tse-tung cria a República Popular da China*

É muitas outras curiosidades!

Editorial

Quando se tem o prazer e a oportunidade de vasculhar a fundo a história santista é que nos damos conta o quanto importante foi e ainda é o papel de nossa cidade no contexto nacional. Hoje discutimos sobre a questão da exploração de petróleo no pré-sal da Bacia de Santos, colocando-nos no centro das discussões mais importantes do Brasil. No passado nossa cidade era o centro das atenções por bons e maus motivos. Na edição inaugural deste boletim falamos sobre o fato de Santos ter sido a segunda cidade brasileira a exibir um filme falado. Só perdemos o primeiro lugar para a então capital do Brasil, o Rio de Janeiro. Saímos na frente até de nossa metrópole. Somos vanguarda, então, na cultura. Hoje nos deparamos com a notícia de que Santos é uma das principais cidades culturais do país. Com isso, então, seguimos nossa trajetória.

Neste número, caro leitor, estamos trazendo à luz alguns fatos interessantíssimos da nossa memória histórica. Abrindo o boletim temos os 50 anos do início do fim do Hotel Internacional do José Menino. Engraçado falar assim, mas é isso mesmo. O fim de uma era de glamour e de lazer para milhares de visitantes. Fico aqui refletindo o porquê de terem demolido tamanho patrimônio. Não havia necessidade. Mas, enfim.

Também falaremos do ano em que Santos tremeu diante da peste bubônica, a mesma temível peste que dizimou grande parte da Europa na Idade Média. Felizmente tivemos aqui

grandes nomes da saúde pública para nos acudir, como Vital Brazil, Oswaldo Cruz e Guilherme Álvaro, ainda jovem, testemunha ocular de horrores na cidade.

Não há como comentar todas as notícias, mas destacamos nosso personagem do mês, o ilustre João Galeão Carvalho; a façanha do aviador Virgilius De Lamare, que previu Santos como grande centro de aviação (Infelizmente ele errou feio!); os 140 anos da promulgação do decreto-lei que autorizava o governo federal a

dar concessão para a modernização dos portos (o embrião do nascimento do porto moderno de Santos); e os 140 anos da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, que tantas histórias produziu, guardou e difundiu. Presidida

hoje por nosso grande amigo Pedro Mahfuz, é um patrimônio santista, que merece um lugar de destaque no coração de todos.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santos está firme na sua trajetória de difundir os grandes fatos do passado, preparando o terreno para outras caminhadas. Iremos também discutir, através de projetos editoriais, não só o presente da sociedade, mas o futuro e também estimular o conhecimento macro científico regional. Nossa presença será cada vez mais marcante no dia-a-dia dos santistas, sempre com algo positivo nas mãos.

Forte abraço a todos e boa leitura.

“A Humanitária é um patrimônio santista e merece um lugar de destaque no coração de todos”



Cartas

O santista, dizem, é muito orgulhoso de sua terra. Há quem diga até que somos “bairristas” e que costumamos exagerar na divulgação de nossas conquistas históricas. Mas, sinceramente, não acho que seja pra menos. Santos sempre ocupou papéis de destaque, em vários setores, e isso precisa ser reverberado para nossa sociedade, sobretudo aos mais jovens, que carecem de informações sobre o lugar onde vivem. Este almanaque está de parabéns, pois cumpre justamente este propósito. Nos faz entender o que somos e o que fomos. Isso é vital para sabermos para onde vamos.

Roberto Luiz Barroso Filho
Empresário e governador do Rotary - D4420

Expediente

Editor: Sergio Willians
Colaboradores: Waldir Rueda, José Carlos Silveiras, Fabiana Diniz, Eduardo Fernandes



www.ihgs.com.br

Instituto Histórico e Geográfico de Santos

Presidente: Paulo Gonzalez Monteiro
Vice-Presidente: Adelson Portella Fernandes
Diretoria: Carolina Havelha Ramos, Marília Gallotti Bonavides de Sousa, José Geraldo Gomes Barbosa, Aldo João Alberto, Marlene Motta Zamariolli, Clotilde Paul, Hortência Martinez Soares Benette, Clovis Pimentel Junior.

Há 50 anos

23 de outubro de 1959

Começa a demolição do Hotel Internacional no José Menino

Fra uma manhã cinzenta de sexta-feira. Os habitantes do pequeno, mas crescente bairro do José Menino começavam a testemunhar o fim de uma longa história de glamour e decadência. Era o dia em que iriam começar os trabalhos para botar abaixo o velho e histórico Hotel Internacional, o primeiro construído na região da praia.

Muitas pessoas foram assistir o vai-e-vem dos operários de demolição. Alguns deixavam rolar as lágrimas, misto de tristeza e saudade antecipada. Outros comemoravam o fato e enxergavam na duplicação da avenida que por ali passava, um futuro próspero para o bairro.

A grande justificativa para derrubar o Hotel Internacional era justamente a necessidade de atender a cada vez maior demanda de carros que a cidade apresentava. Já eram tantos que começavam a criar embaraços no trânsito. Nos anos anteriores, o tráfego no José Menino, mais especificamente naquele local,



Versão digital do Hotel Internacional feita pelo artista gráfico Eduardo Fernandes

se tornou um pesadelo. O velho prédio ficava justamente no meio do caminho, que ganhou o apelido de “Garganta do Diabo”. Assim, justificando a necessidade da construção da segunda pista, além de obras de urbanização, o tradicional hotel fora condenado à morte, junto com outras diversas casas de pescadores.

História

O Hotel Internacional foi construído em 1894, obra de Estanislau Amaral. Seu primeiro nome, contudo, fora Grande Hotel do José Menino. Sua localização, junto à praia, em frente à Ilha de Urubuqueçaba, chamava a atenção, assim como seu glamour e requinte. Era um projeto de luxo, com duas fachadas: Uma para a linha do bonde e a outra para o mar.

O prédio era isolado e rodeado de jardins. Oferecia aos seus hóspedes, muitos deles membros da elite paulistana, salas de música, de leitura, de conversação, de bilhar, fumoir e o boudoir das damas. Junto ao edifício havia ainda pista de patinação e cabines para alugar calções (isso mesmo! E naquela época os calções eram enormes!). O hotel santista seguia, enfim, os padrões europeus de estações balneárias marítimas, como Brighton e Bath. Era superchique.

Em 1906 o hotel fora vendido a Elisa Poli e passou a se chamar Grande Hotel Internacional, iniciando-se um período de festas e concertos.

Por alguns anos ocupou o papel de hotel mais charmoso da cidade, até ser trocado pelo Parque Balneário, que fora inaugurado em 1914. As atividades do Hotel Internacional pararam em 1956, justamente quando foi desapropriado pelo município, para sua demolição.



Há 110 anos

18 de outubro de 1899

Autoridades sanitárias admitem oficialmente a existência da peste bubônica em Santos

A situação da saúde pública em Santos já não era das melhores naquele final de Século XIX. Com sérios problemas sanitários, a cidade vivia envolta com problemas de epidemias diversas, sendo as mais cruéis as de febre amarela e de varíola, que matavam sem dó nem piedade centenas de pessoas.

Após a abolição da escravatura (1888) e da instituição da República (1889), um novo cenário social surgia no Brasil. Nessa época o processo imigratório, que ocorria principalmente por meio dos portos da então capital Rio de Janeiro e de Santos, deflagrou ainda mais o quadro preocupante de saúde pública. Somava-se às doenças locais, as que vinham nos porões dos navios que traziam os estrangeiros ao Brasil.

Assim, com as portas escancaradas para os males que atingiam outras partes do mundo,

a peste bubônica, que figurava na lista das mais temidas de todas as doenças do planeta, aportava na cidade santista. Responsável por aniquilar um quarto da população da Europa no Século XIV, a “peste” ou a “doença dos ratos”, como todos a chamavam, voltava a assombrar a humanidade. Um terceiro grande ciclo havia sido deflagrado na província chinesa de Yunnan, por conta da rebelião muçulmana de 1855 e propagado lentamente pelos deslocamentos dos refugiados. Assim, atingiu Cantão e Hong Kong em maio de 1894. Os portos do sul da China passaram a funcionar como centros de distribuição da peste, que tinha e agora entre suas áreas potenciais de expansão os portos marítimos do Novo Mundo. Foi assim que, alcançando a América do Sul pelo Paraguai e Argentina, desembarcou na cidade de Santos em outubro de 1899.



Os primeiros casos - A primeira vítima santista da peste foi atendida como mais um caso de febre amarela. Como descreveu o médico Guilherme Álvaro, em seu trabalho “A campanha sanitária de Santos - Suas causas e seus efeitos”, o inspetor sanitário, encarregado de dirigir a remoção do doente e a conseqüente desinfecção do domicílio, estranhou não só a rápida evolução da doença, como também o aspecto do cadáver, que então o era, nada se parecendo com o de um amarelento. Examinando-o, verificou que era portador dum tumor na região inguinal direita, que não era típica da febre. Alguns dias depois foi constatado o aparecimento de ratos mortos em alguns pontos do litoral, principalmente perto da casa da vítima suspeita, que residia nas imediações do armazém da Cia. Docas destinado a receber bagagens dos passageiros marítimos. Estava clara a situação. Ratos infectados com a peste haviam descido dos navios e se metido na bagagem. Depois saíram para as ruas da cidade e infestaram outros ratos. Era o início de um pesadelo de enormes proporções.

Mais casos foram surgindo pela cidade até que, em 6 de outubro, o médico Vital Brasil, do Instituto Bacteriológico de São Paulo, veio para a cidade para fazer parte da Comissão



Comissão Sanitária em Santos conseguiu controlar a peste bubônica até o final do ano. Porém, doenças como a febre amarela e a varíola continuaram vitimando centenas de pessoas na cidade.

Sanitária, a fim de comandar pesquisas especiais necessárias.

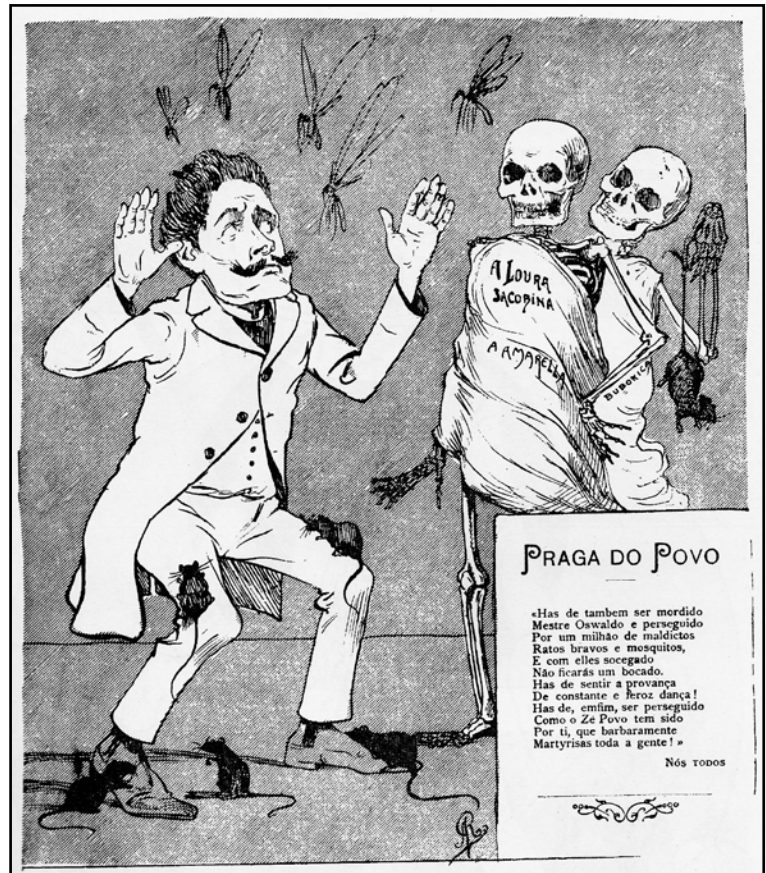
A Câmara Municipal de Santos, para acalmar o povo, desorientado com os conselhos de alguns médicos e de muitos entendidos, que não acreditavam na peste, e depois que o Governo do Estado havia tomado todas as providências, resolveu mandar vir do Rio de Janeiro, ganhando quantia elevada, um bacteriologista para estudar a doença reinante na cidade. Era o famoso Oswaldo Cruz, que logo tomou as rédeas da situação e apontou ser necessário tomar-se medidas radicais contra o mal, inclusive o expurgo pelo fogo, de todas as casas contaminadas.

Em 18 de outubro foi admitido, oficialmente, a epidemia de peste bubônica, o que deixou a cidade em estado de alerta.

Porém, com a magnífica estratégia elaborada por Oswaldo Cruz, Vital Brasil e outros da Comissão Sanitária, Santos conseguiu realizar o que parecia impossível: Controlar e eliminar a doença da cidade. A última remoção de pestoso para o Isolamento foi feita em 28 de novembro, sendo este o último caso da doença do ano, ficando extinta a epidemia e declarado limpo o porto de Santos em fins de dezembro.

No balanço final, a doença que imaginavam que fosse a maior causadora de mortes na cidade, foi suplantada por várias outras, como a tuberculose, que matou só naquele ano de 1899 mais de 170 pessoas, contra os 14 óbitos da peste.

Oswaldo Cruz era alvo de críticas na imprensa nacional



Jornais e revistas da época costumavam criticar as ações de Oswaldo Cruz no combate aos males que afligiam o povo. Ao final o médico sanitarista mostrou estar certo ao aplicar medidas consideradas polêmicas, como a vacina obrigatória.

Relatos do Terror

No seu livro "A campanha sanitária de Santos - Suas causas e seus efeitos", lançado em 1919, Guilherme Álvaro faz minuciosa descrição de momentos de terror, enfrentados pela Comissão Sanitária, o qual participou, ainda jovem.

Tendo ficado encarregado de dirigir o expurgo das casas que tivessem fornecido doentes de peste, e das autópsias dos cadáveres duvidosos, presenciemos todos os serviços dali por diante e nos lembraremos sempre do que vimos no prédio nº 39 da Rua 15 de Novembro, cujos fundos davam para a Rua 24 de Maio, sob o número 60.

Daquela casa haviam saído com peste, para o Isolamento, do dia 14 ao dia 20, sucessivamente a criada Rosa Caseiro, o servente Joaquim Chaves, quatro pessoas da família Milone, e por fim o resto da mesma, para ficar de observação.

Ao abrimos as portas do armazém onde funcionara o bar, deparamos com mais de 40 ratões mortos espalhados pelo solo, muitos já em decomposição, jazendo alguns sobre os balcões. No andar superior ainda havia ratos mortos, vários existindo na cozinha e na pequena despensa ao lado. Fizemos incinerar logo para mais de 60 ratos encontrados em todo o prédio, e dada a presença de pulgas que nos atacaram e aos desinfectadores, não compreendemos ainda hoje porque não fomos vitimados pela doença, que na véspera havia prostrado o dr. Vital Brasil, no Isolamento, onde trabalhava.

Há 150 anos

11 de outubro de 1859

Quem foi Galeão Carvalhal?

Personagem que emprestaseu nome a umas ruas mais importantes do bairro do Gonzaga foi um dos políticos mais influentes dos últimos anos do Século XIX e os primeiros anos do Século XX.

João Galeão Carvalhal, baiano de nascimento, mas santista de corpo e alma, nasceu em 11 de outubro de 1859. Com dez anos de idade veio pra São Paulo, junto com a família, onde se formou em Direito, em 1880. Recém-formado, foi nomeado para atuar como promotor público na capital, mas não permaneceu no cargo por muito tempo e decidiu transferir sua residência para Santos, onde se sentiu em casa. Na cidade litorânea passou a se dedicar à advocacia e à política. E foi justamente pela segunda arte que se destacou, adquirindo invejável prestígio na sociedade local, principalmente por sua atuação como um dos líderes do movimento abolicionista. Na ocasião da proclamação da República, em 1889, Galeão Carvalhal passou a tomar parte de todos os trabalhos de organização da política republicana em Santos.

Seu dinamismo na cidade fez com que fosse indicado como um dos membros do Conselho de Intendência (equivalente à Câmara Municipal), na legislatura de 1891 e 1892, chegando até a ser eleito presidente, onde revelou ainda mais a sua inteligência, prestando a Santos os mais dedicados serviços, principalmente durante a epidemia de febre amarela que atingiu a cidade, quando atendia à população com solicitude e carinho, colocando por diversas vezes em risco sua própria vida.

Foi também eleito Deputado Estadual em 1892, pelo Partido Republicano Paulista, com 10.327

votos. Em 1895 foi reeleito com 31.348 votos. Na Assembléia Legislativa tomou parte em todos os importantes debates da casa, tomando posição firme aos interesses de Santos. Era considerado grande orador.

Em 1897 foi eleito Deputado Federal. Ingressou no Partido Republicano Federal e, inflamado pelo amigo General Glicério, tornou-se opositor ao governo de Prudente de Morais, o primeiro presidente civil brasileiro. Apesar de sua posição política contrária, Carvalhal foi um dos deputados que mais insistiram em manter-se os processos contra colegas implicados no atentado à vida do então presidente, ocorrida em 5 de novembro de 1897. Seu discurso mereceu as mais elogiosas referências da imprensa, provocando delirantes aplausos durante as duas sessões em que foi proferido.

Em 1899, sua ação legislativa se intensificou, discutindo a lei que criava o Fundo de Resgate e os impostos de consumo. Carvalhal tentou a reeleição para o período seguinte, mas não obteve os votos suficientes. Assim, acabou



retornando a Santos e à advocacia.

Fiel às causas republicanas, teve a oportunidade de retornar ao Congresso Nacional mais uma vez. Tornou-se então influente e prestigioso membro daquela casa, ali desempenhando o cargo de membro da Comissão de Finanças e ocupando a liderança da bancada paulista, cujo governo estava nas mãos de seu amigo Bernardino de Campos.


Essa amizade lhe valeu o cargo de delegado especial, junto aos governos da União e do Estado de Minas Gerais, interessados na questão do café.

João Galeão Carvalhal faleceu no dia 18 de agosto de 1924, antes de completar 65 anos de idade.

Há 90 anos

11 de outubro de 1919

Clube XV muda para o Palacete da Rua Sete de Setembro


 clube mais tradicional de Santos, nascido em 1869 sonhava em ter sua sede própria, de papel passado. Naquele outubro de 1919, finalmente os associados da agremiação tinham motivos para sorrir e comemorar. O clube havia adquirido um magnífico palacete na rua Sete de Setembro, esquina com a avenida Conselheiro Nébias. Era o sexto endereço do Clube XV, o quarto em sede fixa. Um verdadeiro presente ao cinquentenário do XV, completados em junho.



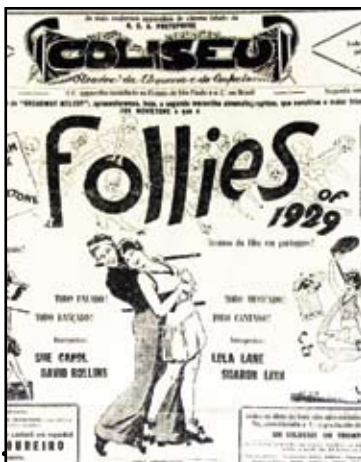
Há 80 anos

3 de outubro de 1929

Segundo filme falado é apresentado em Santos

epois do sucesso arrebatador do filme *Broadway Melody*, que havia deixado boquiabertos todos os que puderam testemunhar no Cine Teatro Coliseu tamanho fato histórico, os santistas não viam a hora de poder repetir a dose e assistir a outra produção hollywoodiana.


Não foi preciso esperar muito para que o filme *Follies of 1929* chegasse às telas, causando o mesmo furor.



Há 60 anos

15 de outubro de 1949

Santos recebe a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra

 General Eurico Gaspar Dutra, presidente do Brasil desde 1946,

E.F.Sorocabana. No final do dia participou de grande banquete no Hotel Parque Balneário.

esteve em Santos para inaugurar o novo cais do Saboó e assinar convênio para o tráfego mútuo marítimo-ferroviário. Durante sua estadia na cidade, o presidente militar assistiu a um pregão na Bolsa do Café, visitou a Associação Comercial de Santos, a Santa Casa de Misericórdia e presidiu a inauguração de ambulatório, casas populares e de um vagão-hospital da



Há 160 anos
 12 de outubro de 1879

Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos

Pioneira no mutualismo no país, a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos surgiu nove anos antes da Abolição da Escravatura e dez da Proclamação da República

A Escola do Povo, instalada no Largo da Coroação, nº 11 (atual Praça Mauá), não podia ser o local mais apropriado para a criação desta entidade, que já nascia com propósitos nobres. Naquele 12 de outubro de 1879, um grupo de rapazes dinâmicos, envolvidos na produção de um pequeno jornal dominical - O Caixeiro - decidiram envolver a classe comercial santista na causa de se criar uma entidade que pudesse propiciar amparo e socorro a seus associados, a chamada "classe caixeiral", além de oferecer espaços para cultura, conhecimento e lazer. Foi aclamada, nesse dia, a diretoria provisória, tendo como presidente o fundador e presidente da Escola do Povo, Augusto Vieira, além do secretário, José Bento Fernandes, e o tesoureiro, José Bernardes de Oliveira.

A partir da criação, e por muitos anos, a Humanitária se dedicou integralmente aos seus propósitos. Criou uma das maiores bibliotecas da cidade (até hoje existente), uma banda musical, grupos teatrais e um setor assistencialista que atendia nas áreas ambulatorial e dentária.

A Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio é a primeira e única entidade assistencial que participou de todos os eventos santistas, desde a sua criação, como

por exemplo na assistência aos feridos da Revolução de 1932. **Sedes** - A primeira sede da Humanitária somente foi inaugurada em 7 de setembro de 1891, na rua Amador Bueno, 256. O prédio, entretanto, foi vendido mais tarde para a Cúria Diocesana. Assim, a Sociedade Humanitária passou a atender na rua XV de Novembro.

O grande desenvolvimento da Sociedade, porém, exigiu novas acomodações. Em 1923, na presidência de José Abelardo Monteiro de Barros, iniciou-se a construção do novo lar, cujas obras se iniciaram em 1929 e concluídas em outubro de 1931. E é nesta casa que até hoje

funciona a Sociedade Humanitária, nas imediações do Fórum, na Praça José Bonifácio. O prédio tem a assinatura dos arquitetos Frederico de Sabóia e Silva e Paulo da Silva Costa.

Devidamente instalada, a Sociedade passou a oferecer cursos para seus associados, como os de



Português, Francês, Inglês, Alemão, Escrituração Mercantil e Aritmética. No entanto, com a intensificação dos cursos regulares pela cidade, eles acabaram extintos.

O edifício da Humanitária é uma pérola histórica. A biblioteca, é uma atração à parte, assim como seu magnífico salão de festas, um dos mais belos da cidade. Nele, por muitos anos, se reunia a juventude santista, através das tradicionais vesperais promovidas pelo Centro dos Estudantes de Santos e outras agremiações estudantis, e contavam com as melhores orquestras da cidade nas décadas de 50 e 60: Cabral Júnior, Haroldo Moura, Hamleto, J. Pinto, Simonei, Mário Folganes e outras de grande sucesso.



Biblioteca abriga tesouros da literatura

A casa dos livros, na Humanitária, é um templo. Seu acervo de 40 mil exemplares inclui livros que datam do século XVII, jornais e revistas dos séculos XIX e XX. Sua principal obra é “Testament Politique”, de 1688, escrita pelo duque Armand Jean du Plessis, o cardeal Richelieu, primeiro-ministro de Luís XIII. Outra preciosidade é “Henriade”, conjunto de poemas de Voltaire (1694-1778) dedicado a Henrique IV. Há também raridades nacionais como um exemplar da primeira edição de “Memórias para a História da Capitania de São Vicente, Hoje Chamada de São Paulo, do Estado do Brazil”, escrita em português arcaico por Frei Gaspar da Madre de Deus. Em destaque, uma edição de 1866 de “Os Lusíadas”, de Camões.



Martins Fontes ajudou a entidade

Há uma grande controvérsia histórica sobre a participação do célebre poeta e médico Martins Fontes no dia-a-dia da Humanitária. Há quem diga que ele fora um dos médicos do quadro de profissionais da entidade. Outros dizem que ele apenas atendeu aos amigos e substituiu o médico titular por poucos dias. Isso, contudo, é mero detalhe. O importante é que Zezinho Fontes, assim como seu pai, Silvério, era um grande amigo da Humanitária e sua presença era constante pelos corredores e biblioteca da Instituição. Tanto que sua memória é reverenciada até os dias de hoje em todos os cantos da Humanitária. Um dos maiores

tesouros do acervo histórico da entidade é uma receita original, assinada por Fontes, escrita no curto período em que atendeu por lá.



Há 90 anos

17 de outubro de 1919

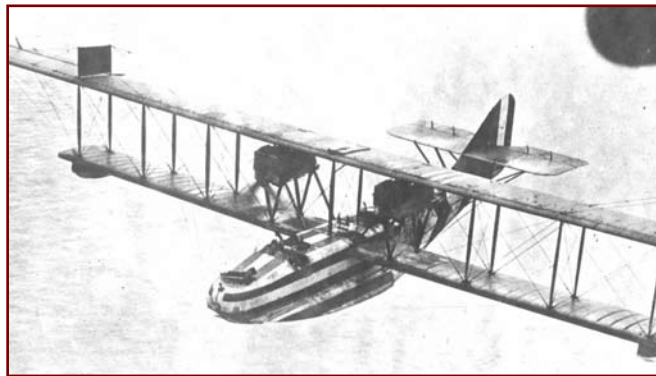
Aviador naval amerissa nas águas do estuário e coloca Santos no mapa aéreo nacional

“Santos há de ser um centro importante de Aviação, em breve futuro, e o povo paulista, com os progressos feitos em todos os ramos do conhecimento humano, não ficará atrás dos outros estados sob o ponto de vista aeronáutico...”

A frase acima, do aviador naval Virginius Brito de Lamare, que amerissou nas águas do estuário, levando a cabo o reide aéreo Rio de Janeiro-Santos, a 17 de outubro de 1919, soava entusiasta e otimista. Santos notadamente era um centro especial e pioneiro em vários aspectos. Tinha um porto em plena ascensão e pretendia ser também referência em aviação, que naqueles anos já ensaiava passos ousados em termos de tecnologia. Porém, na prática, hoje, vemos que as coisas não ocorreram como se pensava. Mas é fato histórico que a cidade santista testemunhou de perto o surgimento das primeiras experiências aeronáuticas no Brasil. Justiça a uma cidade que foi berço do primeiro ser humano a fazer um objeto voar: Bartholomeu de Gusmão.

Antes da chegada do aviador De Lamare, Santos conheceu outros aventureiros do ar, como o francês Roland Garros (ele mesmo, o que dá nome ao famoso torneio de tênis!). Ele e outros ousados aeronautas participaram de uma disputa aérea estimulada pelo Governo de São Paulo, que prometeu um prêmio de 30 mil

réis para quem conseguisse fazer o trajeto São Paulo-Santos-São Paulo. As aeronaves precisavam pousar na cidade santista, e decolar de volta. No final quem ganhou o prêmio foi um brasileiro, Edu Chaves, que se tornaria um ícone na aviação brasileira.



O modelo HS2 utilizado por De Lamare era de fabricação norte-americana (foto de aeronave semelhante a que pousou no estuário de Santos)

Italiano intruso - Outros aviadores passaram por Santos, mas nenhum deles foi tão esperado quanto o capitão-tenente aviador Virginius De Lamare, que vinha do Rio de Janeiro com a missão de escolher um local apropriado para a instalação de um posto de aviação para hidroplanos, que de fato ocorreu em 1922.

Mas algo inesperado aconteceu na manhã do dia 17 de outubro. Enquanto as autoridades santistas aguardavam ansiosamente a chegada do hidroaviador da Marinha de Guerra, que partira desde o Rio de Janeiro, às 8h15, surgia nos céus da Baía de Santos um pequeno avião que, depois de ligeiras evoluções, rumou para a Ponta da Praia, tendo baixado ao mar em frente ao Clube de Regatas

Saldanha da Gama. Para lá foram todos correndo, inclusive o prefeito, o coronel Joaquim Montenegro. Porém, para espanto geral, o piloto da tal aeronave não era De Lamare, mas um italiano de nome Mário Quaranta, que dizia pertencer à Sociedade Italiana de Transporte.

Sem entender nada, as autoridades ao menos ficaram felizes em poder presenciar as manobras do italiano, que resolveu dar um show de acrobacias aos presentes.

Enquanto as autoridades se divertiam ao assistir as manobras de Quaranta, às 10h20, do outro lado da cidade, nas águas do estuário, amerissava o hidroaviador do tenente De Lamare, sem

ninguém para recebê-lo. Com ele, a bordo estavam o primeiro tenente aviador Fileto dos Santos e o deputado federal César Vergueiro de Lacerda.

Depois de desfeita a confusão, os três foram recebidos na Câmara Municipal, onde De Lamare deixou registrada sua passagem com um elogio aos santistas.

“No momento em que, pela primeira vez viemos voando em um hidroavião da Marinha de Guerra, do Rio de Janeiro a Santos, a nossa impressão como aviadores, oficiais da Marinha e brasileiros é de que nos sentimos orgulhosos pela cidade que possuímos - Santos - um dos principais portos do Brasil, atestado impressionante do progresso de nossa pátria”

Há 140 anos

13 de outubro de 1869

Decreto-lei oferece administração dos portos à iniciativa privada

No entanto, somente em 1888 é que um grupo privado assumiu o compromisso de mudar a cara e a vida do porto santista

Em 1869, o Porto de Santos era constituído de trapiches de madeira erguidos em diversos pontos ao longo da bacia do estuário e às margens da antiga cidade. Sua extensão e estrutura não haviam mudado praticamente nada, desde o período colonial. De lá até as primeiras décadas do Século XIX a responsabilidade sobre os portos brasileiros eram das Câmaras Municipais que, por sua vez, não contavam com recursos significantes que possibilitassem a promoção de grandes melhorias. Em 1820, tentando buscar uma

solução para essa situação, o Rei D. João VI declarou os portos de competência da Repartição da Marinha. Em 1845, com a criação da Capitania dos Portos, iniciou-se um pequeno processo de policiamento e melhoramento, mas nada que mudasse o quadro caótico de embarque e desembarque de mercadorias.

Acontece que São Paulo estava crescendo de forma muito rápida, principalmente por conta das exportações de café. O movimento no porto santista aumentava a cada dia, não só por causa das mercadorias, mas também pela chegada de milhares de imigrantes.

Em 1867, com a inauguração da estrada de ferro São Paulo Railway, a situação ficou preocupante. O volume de carga se tornava cada vez maior. Assim, em 13 de outubro de 1869, o Império do Brasil publicou o decreto-lei 1.746, que autorizava



Em meados do Século XIX o porto de Santos não passava de um amontoado de trapiches de madeira situados ao longo da Bacia do Estuário.

“Contratar a construção, nos diferentes portos do país, de docas e armazéns para carga, descarga e conservação das mercadorias de exportação e importação”. A proposta era dar concessão dos portos por 90 anos à iniciativa privada, garantindo o retorno de juros de 12% ao ano. Segundo alguns historiadores, este decreto-lei foi o embrião para a criação do Porto de Santos como o conhecemos hoje.

Apesar de o decreto ter sido publicado em 1869, somente em 31 de agosto de 1870 é que foi dada a concessão. Os agraciados, Conde Estrela e Dr. Putman, entretanto, não constituíram a companhia necessária para a exploração do negócio e a concessão foi anulada. Outras concorrências e propostas foram dadas até o ano de 1882, quando a

Assembléia Provincial de São Paulo representou ao Governo Geral pedindo que a concessão fosse dada à Província, no que foi atendida. Mas, sem ânimo para levá-la adiante, foi declarada a concessão sem efeito em 1886. Foi neste mesmo ano que se abriu finalmente o edital que daria resultado. Dentre as seis propostas apresentadas, venceu a do grupo que constituiu mais tarde a Companhia Docas de Santos, cuja concessão definitiva ocorreu em 12 de junho de 1888, pelo decreto 9.979. Santos inaugurou oficialmente o seu porto organizado no dia 2 de fevereiro de 1892, com um trecho de 260 metros lineares construído no lugar dos trapiches do Porto do Bispo. A inauguração ocorreu com a atracação do navio a vapor Nasmyth, da armadora inglesa Lamport & Holt.



Manchetes históricas no Brasil e pelo Mundo!

Há 80 anos

29 de outubro de 1929

Bolsa de Valores de Nova Iorque quebra, levando economia mundial a colapso

Durante a Primeira Guerra Mundial, a economia norte-americana vivia uma fase de pleno desenvolvimento. Sua indústria produzia e exportava intensamente, principalmente aos países europeus. Muitas empresas, querendo crescer, colocaram suas ações na bolsa.

Após o término da guerra o quadro se manteve. A Europa, focada na reconstrução de indústrias e cidades, precisava manter suas importações. Assim, continuava a comprar bens industrializados e agrícolas dos norte-americanos. Um dia, porém, a festa acabou. No final da década de 1920, os países europeus, já reconstruídos, resolveram diminuir, drasticamente, as importações. Um sinal vermelho, então, acendeu do outro lado do Atlântico.

Com a queda das exportações, as indústrias americanas testemunharam, apreensivas, o aumento de seus estoques. Sem giro de vendas, muitas começaram a fraquejar e pedir concordata.

No mês de outubro a bolsa de Nova Iorque sentiu o mau momento das principais empresas. As ações delas estavam despencando. Ai veio, então, o famoso "efeito dominó".



O crash da Bolsa de NY motivou diversas manifestações na Big Apple.

Alarmados com a situação, centenas de investidores iniciaram uma corrida transloucada a fim de se livrar dos papéis de empresas ameaçadas. Muitos não conseguiram e tiveram que amargar o prejuízo de possuir ações que não valiam mais nada.

O efeito foi devastador.

Pessoas ricas, se tornaram pobres da noite para o dia. O número de falências foi gigantesco e o desemprego atingiu quase 30% dos trabalhadores americanos. Empresários se suicidaram, diante da dura realidade da bancarrota.

Conhecida como "A Grande Depressão", a crise de 1929 foi a maior de toda a história dos Estados Unidos. Diversos países do mundo que mantinham relações comerciais com os americanos foram afetados.

Até no Brasil ela chegou.

Os americanos eram o maiores compradores do café brasileiro. Com

a crise, a importação dele diminuiu assustadoramente, fazendo os preços do café despencarem. Para que não houvesse desvalorização excessiva, o governo brasileiro chegou a comprar e queimar toneladas de café.

A solução para a crise chegou apenas em 1933, no governo de Franklin Roosevelt. Ele colocou em prática o plano que ficou conhecido como *New Deal*. Nele, o governo americano passou a controlar os preços e a produção de indústrias e das fazendas. Assim, conseguiu controlar a inflação e evitar a formação de estoques. Fez parte do plano também o grande investimento em obras públicas (estradas, aeroportos, ferrovias, energia elétrica etc), o que diminuiu significativamente o desemprego. O programa foi tão bem sucedido que no começo da década de 1940 a economia norte-americana já estava funcionando normalmente.

Há 1.740 anos - outubro de 269 d.C.

Zenóbia se autoproclama rainha do Egito

Zo período da ocupação romana no Oriente Médio existiam muitos pequenos reinos, todos submetidos ao jugo dos Césares. Um deles era Palmira, localizado na Síria, perto das principais rotas marítimas comerciais. Ali reinava Zenóbia, mulher de traços tão fortes quanto sua personalidade. Temível politicamente, notabilizou-se pelo estrategismo bélico, chegando a incomodar o imperador romano, Lúcio Domício Aureliano.

Zenóbia casou-se com um romano, Odenathus, para conquistar a confiança de Roma. Porém, após o assassinato do marido, decidiu botar as mangas de fora e passou a ocupar à força alguns reinos vizinhos. Essa ação resultou no domínio do Egito,

em 269, onde se autoproclamou rainha, e na conquista de parte da Ásia Menor.

A rainha árabe era deslumbrada pela história de Cleópatra e dizia a todos os ventos que era sua descendente. Roma não interferiu na gana de conquistas de Zenóbia. Isso até quando ela decidiu proclamar a independência de Palmira. Aurelianus, então, ordenou o ataque à rainha árabe, a partir de 271. Zenóbia, porém, não foi páreo fácil.

Aurelianus iniciou a retomada de Palmira derrotando o general palmireno Zabdas, primeiro em Antioquia e mais tarde em Emesa. Em seguida, cercou Palmira



e, após sua rendição, julgou Zenóbia e seus conselheiros. Ela foi levada para Roma e exibida na Procissão Triunfal de Aurelianus em 272. Foi-lhe garantida uma pensão, e viveu na cidade de Roma até idade avançada.

Há 1.000 anos - 18 de outubro de 1009

Igreja do Santo Sepulcro é destruída pelo califa al-Hakim bi-Amr Allah.

Em 1009, o califa fatimida Al-Hakim ordenou a destruição de todas as igrejas de Jerusalém, incluindo o Santo Sepulcro. A notícia da sua destruição foi um dos fatores que originaram o motivo para as Cruzadas. A Basílica do Santo Sepulcro é o local, em Jerusalém, onde, segundo a tradição cristã, Jesus Cristo teria sido crucificado, sepultado e de onde ressuscitou, no domingo de Páscoa. Constitui até hoje um dos locais mais sagrados da cristandade.



Há 340 anos - 24 de outubro de 1669

Portugueses fundam Manaus, no meio da selva amazônica

A história da colonização européia na região de Manaus começou em 1669, com um forte em pedra, barro e quatro canhões guardando suas muradas. Esta edificação militar, o Forte de São José da Barra do Rio Negro, foi construída com o objetivo de garantir o domínio da Coroa Portuguesa na região, principalmente contra a invasão de holandeses, que na época estavam aquartelados na região onde atualmente está o Suriname.

Os primitivos habitantes da região foram os índios das tribos Manãos, muitos dos quais ajudaram na construção do Forte, por influência dos religiosos portugueses. Após o término da construção, muitos passaram a morar nas suas proximidades em palhoças humildes.

A população cresceu tanto que para ajudar na catequese, em 1695, missionários carmelitas, jesuítas e franciscanos resolveram erguer uma capela, próxima ao forte de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade. Hoje, a cidade, além da capital do Amazonas, é a maior dentro da maior floresta do mundo.



Há 70 anos

1 de outubro de 1949

Mao Tse-Tung cria a República Popular da China

A guerra civil chinesa havia terminado em 1949, quando o Partido Comunista chinês tomou o controle da China continental e o Kuomintang (Partido Nacionalista do Povo) recuou para a ilha de Formosa (Taiwan). Em 1º de outubro, Mao Tse-Tung proclamava a República Popular da China, bradando aos quatro ventos que o “povo chinês havia se pôsto de pé”.

Mao autoproclamou-se presidente, assim como secretário-geral do Partido Comunista Chinês. A China era um país atrasado em termos econômicos e industriais. Na tentativa de resolvê-los, usou como combustível a ideologia revolucionária. Em 1958, Mao lançou uma política que rotulou de “Grande Salto para a Frente”, mas que

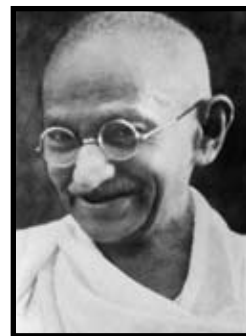
acabou se constituindo num grande fracasso. Ele não só não conseguiu a industrialização do país como matou de fome cerca de 20 milhões de chineses (estimativas mais recentes mencionam 70 milhões). Em 1966 promoveu sua Revolução Cultural (1966-1976), mobilizando as massas contra as velhas lideranças. A criação de grupos armados de estudantes, que passou a perseguir intelectuais, professores e antigos membros do Partido Comunista, resultou num banho de sangue cujas mortes ainda não podem ser calculadas, dado ao fato de a ditadura comunista chinesa persistir e impedir as investigações. Quando Mao morreu, em 1976, o processo se interrompeu.



Mao Tsé-Tung desenvolveu idéias sobre revolução e guerrilha que influenciaram comunistas no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

Na vida

02/10/1869
Mahatma Gandhi - um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano



02/10/1869
Washington Luís - Presidente do Brasil, entre os anos de 1926 e 1930



e na morte...

21/10/1889
Barão de Mauá - empresário, industrial, banqueiro e político.



17/10/1849
Frédéric Chopin - um dos maiores compositores e pianista da história



Túnel do Tempo

Imagens do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos



Nesta imagem de José Marques Pereira, do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, vêem-se três crianças. Segundo o historiador Jaime Caldas, já falecido, o menino que está em pé é Ricardo Gumbleton Daunt, que mais tarde se tornaria advogado, historiador e genealogista em São Paulo. Seu nome figura em todos os RGs produzidos em São Paulo, já que o Instituto de Identificação Paulista leva o seu nome.



Rotary International - Distrito 4420 apoia Instituto Histórico e Geográfico de Santos em sua campanha de revitalização.

O Rotary International - Distrito 4.420, velho parceiro e amigo do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, manifestou total apoio à entidade cultural em seu programa de resgate e revitalização. No início de outubro quase 500 rotarianos da cidade de Santos começaram a receber o material da Campanha Contribuintes: Os dois livros do jornalista Sergio Willians (Pelas Curvas das Estradas de Santos

e Bondes de Santos) e a assinatura deste boletim, que já chega ao número 2.

O governador do Distrito 4.420, Roberto Luiz Barroso Filho, disse que apoiar as causas que proporcionam desenvolvimento da sociedade é uma das premissas dos rotarianos. Ele acredita que a campanha alcançará sucesso e que o Instituto Histórico e Geográfico de Santos conseguirá atingir seus

objetivos, tornando a ser, na cidade de Santos, "aquele velho tutor que luta pela boa formação intelectual dos nossos jovens".

O IHGS festejou a retomada desta velha parceria. Instituto e Rotary mantêm relações desde 1938.



GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO
IN-COMPANY
EDUCAÇÃO CONTINUADA

ESTES
TEMPOS
SÃO NOSSOS
UNIVERSAIS
UNIVERSITÁRIOS



unimonte
SURPREENDENTE
UNIMONTE.BR . 13 3228.2100

VESTIBULAR
2010

inscrições
abertas

a escolha
é sua:
ENEM
ou
PROVA